

padê editorial

cole-sã escrevivências

apoio:
Fundo Elas de investimento social

inverno2018
distrito federal

padê editorial

vandia
leal

in-quietudes

cole-sã escritivências n. 13

In-quietudes

poemas de Vandia Leal

edição, diagramação: tatiana nascimento

revisão: kati souto

concepção da arte: tatiana nascimento

coordenação das oficinas de encadernação: kati souto

padê editorial é um coletivo editorial artesanal
que publica autoras negras y/ou lgbtqi+,
fundado por tatiana nascimento y bárbara esmenia,
em Brasília / DF

www.pade.lgbt

pade.editorial@gmail.com

esse livro foi feito no DF y em SP, em agosto de 2018, como parte do projeto “Escriventes: autopublicação artesanal de narrativas LBTs”, proposto pela padê e selecionado pelo Fundo Elas de Investimento Social em edital de 2018

tipografia: hero (capa), ogirema e chicago (miolo)

Leal, Vandia

In-quietudes / Vandia Leal. - 1a. ed. - Brasília (DF):
padê editorial, 2018.

ISBN: 978-85-85346-15-7

sobre a cole-sã escrevivências

inspirada no conceito de escrevivências de conceição evaristo, a cole-sã escrevivências, da padê editorial, é dedicada a textos de autorxs lgbtqi+ negrxs* estreantes, produzindo literatura contemporânea. são 50 títulos de livros cartoneros (com capa de papelão reutilizado!), escritos por autorxs sapatonas, travestis, mulheres y homens trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de um monte de lugares num brasil que insiste em nos matar, nos impedir de sonhar, de falar com nossa própria voz. mas mesmo assim: aqui estamos, falamos, escrevemos. sonhamos! fazemos nossos próprios livros.

foi no blog de conceição que li “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial que fez nossa banda do continente ser como é (escravocrata, lgbtqifóbica, espraiente de genocídio negro, indígena, de transfeminicídio, classista, desesperançosa, fundamentalista) tem entre suas principais ferramentas políticas de silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas, quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve o que nós mesmxs temos a dizer sobre nós.

selecionar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias. y histórias que curem nosso passado, alimentem nosso presente, construam nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.

todos os livros publicados na cole-sã têm licença *creative commons* tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) y desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). se você modificar esse conteúdo, tampouco pode distribuí-lo (“sem derivações”).

tatiana nascimento, organizadora

*75% dxs autorxs publicadxs se autodeclaram negrxs

sobre Vandia Leal

Vandia Cristina Rodrigues Leal, natural da cidade de Santos, nascida em 01.02.1985. Formada em Psicologia na Universidade Católica de Santos (2007) e pós-graduada em Psicologia da saúde (PUC-SP, 2014).

Cinema e psicanálise e o próprio viver influenciam minha escrita. Considero Poesia Reunida de Adélia Prado minha bíblia e A teus pés, de Ana Cristina César, o livro das paixões. Poesia marginal, geração mimeógrafo, Anais Nin e seu diário como arte impulsionam minha pretensão de prosa poética, tendo Maya Angelou, Angela Davis e Nina Simone como âncoras de palavras ativas e ativistas.

Através da literatura adeliopradiana comecei a escrever aos 14 anos, mas só aos 32 anos desengavetei alguns escritos e tive publicado pela primeira vez um poema. “Intermitente” foi publicado através do concurso Sarau Brasil, 2017.

Telefone: (13) 997099612

E-mail: vandialeal@icloud.com

sobre In-quietudes

Fazer da pena mais do que a expressão singular; colocá-la em um lugar em que possa se materializar em opinião, em beleza, em ritmo, em verdade da voz que ali escreve. Para isso, por detrás das palavras usadas pertinentes e exatamente, da escolha do ritmo da frase, do quase poetar em texto, necessita-se ter opinião. Olhos que veem o que não está aparente, trazendo para a cena o latente, o despercebido, o escondido - e que faz toda a diferença ao se visibilizar. Vandia Leal nos traz isso, uma palavra que tem a manifestação de sua vida, de seus sentimentos, fatos, memórias, valores, e que carrega, por isso mesmo, muita força, a que vem de sua presença, respiração, movimento, dinâmica. Não se fica indiferente ao seu texto; ele provoca, traz dúvidas, por vezes até chega a beliscar de forma doída, carne retorcida pela vida que, por vezes, tão sem sentido parece estar. “Poesia acontece quando as palavras fracassam”, escreve Vandia – e eu acrescento: a partir do fracasso e da poesia que aí se produziu, ela consegue colher as pétalas e dela criar flor em formato próprio. Caminho das letras que, a partir de agora, abre-se para outros olhares, em um tempo de vida em que a juventude ainda existe, mas a maturidade já se viu despertada pelos anos vividos, Vandia Leal se apresenta por seus escritos e nos apresenta a esta possibilidade bonita que é a de poder os ler e, pelo menos no meu caso, perceber-se impactada. Que sua carreira seja longa, e que a poesia lhe habite e permaneça.

Déa E. Berttran

8 – Te marco

Não penso na flor: penso nos silêncios institucionalizados, nos assédios vivenciados, no preconceito estrutural, na equidade, na violência naturalizada, na desumanização do outro, na objetificação da mulher, nas mulheres negras, na invisibilidade das mulheres cientistas, na pluralidade do ser, no feminicídio, no gozo das mulheres, no não gozo das mulheres, nas potencialidades perdidas, penso também nas poetisas que se mataram, na raiva da Nina Simone, na virulência de Mississippi Goddam e no movimento terrorista em relação aos corpos das mulheres e toda essa carnificina. Penso então na flor, na flor como cinismo simbólico e espinhento que nada entende e prolifera a praga da docilização de nossos corpos.

Personificação

Teresa revoluciona ao sentir os gestos que suspendem dizeres e abraçar é uma ação no microcosmo dessa suspensão. Depois iremos forçar os limites da linguagem, escrever para confirmar existências e por-menorizá-las. Homeros são ainda pequenezas. Poesia acontece quando as palavras fracassam. Seria o silêncio amável de Teresa o próprio corpo do poema?

Transformações

Desatento desejo e os livros espalhados pelo chão. Quem arruma a vida? Rompemos com o silêncio e ganhamos em avanço amoroso, agora já podemos nos enfrentar sem medo. Nascem do desaparecimento novas formas de encontro, da cova ressurgem a expressão que marca sorriso.

A loucura de comer os olhos corta criativas carnes e penso em cartas para resgatar palavras, para repousar os carimbos burocratas, para dizer que é possível tocar com as pausas dos abraços e nos salvar de alguns naufrágios.

Eólica

Na estrada vi hélices deitadas em caminhões a percorrerem o caminho da função destinada.

Hélices que dormiam como gigantes, visão de uma possibilidade concretizada como a força do vento que anuncia:

– Nem sempre será tempestade.

A entrega deixa de ser uma perda, antes um ganho que não se espalha no vendaval.

Quem tem por dentro o mapa da sua casa consegue lidar com uma esquina quebrada, não teme os diferentes seres das vidas e a própria mudança que os encontros promovem.

A capacidade de espantar-se é importante, o vislumbre daquilo que até então era desconhecido sempre será um pequeno avanço em nossa Eureka pessoal.

Quando ele disse: “não me reconheço mais”, inventou a revolução e uma nova paixão.

A turbulência digna do que mexe e estremece não pode ser confundida com insegurança, pois é antes uma re-construção, ou ainda, perceber ser caco e depois vitral.

A angústia que o amor por vezes invoca, Janaína, é a mesma da separação capaz de criar uma identidade, da realidade do outro que não é você, que não sou eu.

Nunca fomos eles.

Precisei matar minha mãe e também meu pai, para segundos depois ressuscitá-los e lidar com os fantasmas para compreender que dar não basta, é preciso tomar a vida para si. Capturá-la e reponsabilizar-se sem esperar o Messias que poderá estar disfarçado de presidente, namorado, esposa, filho, cartomante, uma viagem à Índia, o trabalho perfeito, o malbec pontuado, heroína ou até mesmo a teoria de tudo contida nas auroras boreais.

Assumir que não há sentido pronto, encarar o desespero que lê livros de autoajuda como quem enlata a vida.

O capitalismo, por exemplo, é uma máquina de diferenciar por igualação, por isso falha.

A diferença não é algo que se venda, uma etiqueta é só um passe para determinado clube, destacar-se é um ainda estar fora e isso sim, **é singular.**

Quem tolera tal unicidade? Esse outro eterno atrito? Feliz encaixe da mágica que faz um elefante caber numa caixa de fósforos.

Talvez, Maria,

amar seja fazer da ilusão o real – a sensação que fica quando tudo escapa.

O vento sopra que arre pia.

O caos em mim

Fera escarlate sentada na pedra do apocalipse. Isolada sem touch ou screen transformo-me em mais uma estatística. Entre a bolsa e a vida, escolho o sentido que nasce da perda. Minha memória não tem google. Jogada nesse museu lembro sobre como ergueram o porto maravilhosa, como soterraram um passado massacrado no caos do Cais do Valongo. Senhores perversos nunca cansam de ousar e se o futuro finalmente chegou, o que nos restou? Imperatriz não pisa em pé de moleque, antes exige granito.

Nasci sem títulos nobiliárquicos e a sola amarela indica o caminho solar. Citavam em 1808 cabeças raspadas e meu corpo, que não é macilento, ainda impacta a esquecida razão desses alienados imaginários.

Estou assaltada pela raiva que segura chicote e espraia as ondas no rochedo das costas. Não existe mais ética quando cai o último véu dos fascistas.

Viva e perdida, ficasse com a bolsa e encontrariam o capítulo obituário. Preciso resgatar as horas dos anos introjetados da mulher independente.

Descobri turista que o nosso domínio da língua estrangeira consiste apenas em saber pedir a senha da wifi. Última mensagem recebida: “você já chegou?”. Resposta furtada.

Garrafa bilhete ao mar fisgada por meus descendentes do cruzeiro de sangue, o negreiro marítimo.

Eu cheguei, eu estou aqui com a força de todos os abraços que guardei, ignorando o medo do desejo que esmaga costelas. Onde encontrarei você, pois somos outros? A casa abrigará aquilo que chamou de mais uma fuga desistência? Caso decida fixar-se na minha suposta covardia, não sairá à caça e tampouco tropeçará na surpresa. Resolvo apostar na escola aristotélica, eu que nem tenho o seu endereço, invento um roteiro e uma ancestralidade africana e carioca. Sigo, peri-patética.

Vermelho

Matou o toureiro e teve um orgasmo. Essas invasões bárbaras, quem dribla a vida se a paixão é violenta?

Queremos mais é ver sangrar,
poucos do primeiro pelotão.

Querida,
caso soubesses quantos são os punhais,
resistiria?

Interditos

Desastrosamente intenso sem tempo para final cuspido e mais parecido com rede e outros furos. Não aconteceu.

Ninguém sabe dizer sobre o exato impacto das perdas e como elas irão de-formar os corpos. Ceder o desejo é imaginário conflituoso que faz escapar o real?

As palavras escorrem preocupadas em evitar os silêncios que nos habitam e o banheiro funciona como refúgio da inesperada incontinência afetiva. Dose anestésica fantasiada em belas frutas alcoólicas que navegam por nossa ilíada e não, não te sequestre em Paris e nem comande tal cavalaria. Haveria algo entre o sentido e o ressentido? Isso não é um recomeço, tampouco os três pontos finais dos suspiros reticentes.

Entrei na papelaria querendo comprar teus olhos e parti segurando a mão do moleskine enquanto a outra tentava agarrar o teatro completo.

O espelho reverso de quem não entrega e programa o inevitável.

Ela fugiu ainda no trailer.

Somos nós

os animais selvagens,

esses que contam os relatos noturnos sobre como não se deixam capturar.

Continuum

Enveredar montanhas,
existimos ainda nessa ponta de lança que atravessa?
Quanto à vida, um abraço de perdas.

É uma mulher que anda sobre os mortos e os seios
revelados falam sobre o corpo da liberdade. Nos-
sa bandeira é cama infinita dos lençóis nem tão
limpos assim, do tempo que marcava sem saber
a pequena intransferível história que permeia os
amores.

Espaços que não se preenchem como a distância
que nos causa, fazes-me falta, escreveu Inês. Com-
preendo essa falta como estrutural e necessária
para que novamente adentre meus furos e que
por eles consiga escapar. Noite dos mergulhos,
justo você que disse ter um medo oceânico. Antes
ou depois da mãe ter sido assassinada? Para uma
menina de seis anos, talvez a realização pavorosa
do pensamento concretizado.

Traz o olhar cão de Laurent
tão acuado só poderia atacar,
mas não há ameaças nesse tom azul da nostálgica
voz.

E a beleza novamente ali, escancarando falhas e o
band-aid pronto para novas tragédias.

Admitir a expectativa que diz:

– sim, nunca nos recuperamos daqueles instantes
em que nada perdurava, somente a vontade de fi-
car quando partíamos.

O peso das mudanças radicais, das transformações
que aconteceram nesse gira mundo e o terrífico
estado de perplexidade.

Contudo, hoje ainda escrevo uma alegria:
Nenhuma criança preta para enterrar.

Uma janela aberta

Pra tu seres o ser que cabe
des-cabida de pré-pensares
Pela lógica das lupas
ampliar a visão mundo
Pra tu seres doce e não amargar adulto
que o ciúme é uma lasca da pele que desprega
ainda um véu que encobre
Os encontros revelados.

Rabiscos

Um lápis que penetra
e lasca dor enquanto cresce:
– Aponta-me.
Serragem colorida de ternura desenhada.

A vida não é feita de marshmallow, talvez mais com o sangue de Uganda e menos com os olhos de Alice, a não ser quando mira abismos.

A vontade da mãe em dormir quando o bebê chorava,
fatal.

Sonhava com a fumaça do cigarro de Godard prestes a queimar a sequência perfeita registrada em frames.

Sim,
nada é verossímil em Lisboa
ou no mundo

e a cada esquina dobra-se a memória.

Parques são propícios para resgatar o presente,
a simultaneidade do tempo.

Lembra?

O gosto do velho bitter quando ouvíamos Verve,
sem pensar que, a nossa juventude sempre foi tardia.

Teria guardado aquele pôr do sol?

Respiramos mesmo quando tudo nos cai e percebemos como ela desmonta no desencontro,
nos cafés previamente adoçados,
na ausência dos braços de Vênus,
nos murmúrios das catedrais,
no mármore da paixão que rola a montanha repetitiva de Sísifo.

Trinta anos não foi um evento, mas uma confirmação sobre a vastidão do não saber. Afinal, somente os anos por onde vazam os deslocamentos, somente por onde às vezes o desejo se demora em beijo que puxa a corda e zarpa. Nem tão ligeiro assim,
e se o bebê nunca viesse a ser?
Ainda teríamos os seios e seu rosto a dissipar qualquer heavy fog.
Jaguar inquieto como eu,
das rodas persistentes como eu,
rodamos na estrada de Calhariz.
A história é a marca no asfalto ou o talho quente na testa.
Espalho-me quando retraio,
não freio aquilo que é nômade,
composto químico do espírito insatisfeito.
Tudo
e
Isso
ainda não quer morrer.

Zanzibar

O corpo na direção inglesa, é difícil saber quem realmente está na contramão. Às vezes tropeço em um abraço que não quer ser só abraço, então recuo o texto como quem pega impulso para lançar-se ao inseguro. Curtos momentos que perduram como uma onda gravitacional, alegria que provoca distorção no espaço/tempo.

Penso nos buracos negros, na colisão dos buracos negros, na implosão do desejo das estrelas, nas consequências da atração que captura nossa luz. Safari quântico, estamos na distância que gera uma estranha aproximação.

Quando exatamente optamos pelo silêncio?

Fotopoema

Chove torrencialmente no primeiro dia do verão.
A ironia é o útero de Deus. Miro o plexo solar
e vejo aquarela, tom de rosa que brilha quando
a luz se desfaz às 17h17min e nos revela que o
contar das horas é uma ilusão, que o real é feito
da substância que gera os sonhos.

O menino está agora sem as tiras do chinelo,
esse que se perdeu nas águas da cidade, na es-
quina do poste que se apagou.

É preciso respirar, tal como abrir a janela e
constatar a beleza dos raios.

O mundo é um livro aberto e o bater dos cílios é
o virar das páginas.

Eis aqui um sorriso,

beijo,

sparkling cósmico dourado de micropartículas
que sobem,

que sobem!

Fotogramas do poema que explode como o
corpo do menino encontrado,

essa dor ainda sem nome.

Máquina revolucionária: a descoberta de um
novo afeto, o ponto até então desconhecido.

A matemática dos dias,

intensidade das vivências imensuráveis

as exceções dos corações sem régua.

Você chegará,

mas o que farei com essa alegria?

Faraday

Aperta os lábios quando queria espremer o cérebro e encontrar sua constante. Ainda e apenas meu corpo contra o seu. Pequenas lutas. Janela com vista panorâmica para o Terminal, não, aqui não é a CTI dos colapsos nervosos.

É rodovia,
plano de fuga,
roteiro mágico,
onça que atravessa.

Um pulso-jato é composto por três etapas, mas somente a última me intriga: rejeição de calor. Nosso ponteiro está alinhado pela hora de Madagascar, porque em São Paulo tudo é corrosão. Resto de gente, projéteis, pedaços de unhas e úteros, melanina alvejada é carne para os urubus. Capa vermelha rasgada de além man, resisto ainda com dois olhos inteiros quando a borracha é apenas seringueira.

Trans-geracional

Quando mostrou o retrato do czar devidamente guardado por seus ancestrais, compreendi o específico lugar que me reservara. Era o seu bolchevique atordoado com o golpe do machado, também não era isso.

Yeva queria-me colonizado, rasteiro, doméstico e ainda não. Dentro daquelas transtornadas madrugadas, parecia-me útil o sangue entre pernas quando o bruto insistia em forçar seu império, ruir com as certezas da revolução. Exilado nas montanhas de Teresópolis, ou dentro de mim, colecionei todos os retratos mnemônicos da família, o último registro do chicote a dançar louco nas mãos da estupidez.

Hoje é a russa que no meu corpo baila como Leskova. Vingamos? Dos monarcas aos quilombos, embora nenhuma mão acene para os navios dos meus antepassados.

De repente escorre um milagre – essa última gota de sêmen que cruzou o século mar e veio parar no meu escroto bifido.

Yeva não vira o rosto, ela não me olha e imagino que seja exatamente da mesma forma que, de costas, Nicolau II foi executado.

Perdura

Teus olhos envoltos por um passado obscuro e
por muitas vezes luminoso. Rugas e manchas na
pele que rasga as marcações temporais.

O quintal aberto ao sol das horas da infância,
encantado e disposto.

Contigo descobri os retornos,
por mais que me desesperasse nas partidas.

A menina dos teus olhos apreendia o amor,
a fertilidade da formação dos vínculos,
erva-doce a perfumar a casa café.

Despreparos

Uma flor ao contrário com os espinhos por dentro. O homem encolhido como a criança de outrora na presença autoritária do bêbado pai. Desviei meus caminhos com a destreza de um cirurgião, quanto mais me diferenciei mais me aproximei da realidade frustrada. Sou hoje o pai do não querer e esposo da resistência, tomado pelo peso dele em mim, atordoado com a mãe que também não me soube. Na corda bamba dessa arritmia do compasso sem enquadro, começo a compreender o meu sono contínuo, de onde vem a vontade sonífera. Encarno o menino de seis anos que não dormia e tentava segurar os objetos no ar para que ela não se assustasse, para evitar os socos e gemidos que vazavam parede quando o amanhecer era uma nuvem roxa. O menino é meu espelho e ele percebe os olhos cansados enquanto acarícia os cabelos, quando o gemido é uma promessa que faz sussurrar o passado.

Eu, homem impotente, afagado por essa criança presa no tempo que tinha demasiada força sendo o que não era para ser.

Cartografias

Mundos internos que projetados se misturam com tudo que existe para todos os sentidos que o viajante captura e devolve ao mar.

Quando movimento era: seres montanhas, seres pássaros, seres rios, seres cachoeiras, seres frutas, seres arquipélagos, seres botânicos, seres neve, seres de passagem que convidavam para dançar. Não tratava de colecionar imagens ou símbolos, queria o cosmo inteiro que foge dos cartões postais. Além dos meios que transportam – seres asas, seres motores, **seres própria engrenagem e vida.**

Travessias

O medo da perda multiplicava-se como células cancerígenas. Temia a chegada do próprio Escobar, esse terceiro que adentra de forma paranóica as relações. Mas como na própria paranóia, o inimigo estava por dentro. Quando finalmente concretizou a dor ingerindo chumbinho, os ratos do medo escaparam para além da realidade. Perder ela para ela mesma nunca esteve no roteiro para Alberobello, e nessa selva das árvores os uivos substituíam as palavras, os impulsos ganhavam contornos irrefreáveis de guerra. Como na física dos buracos negros, o vazio a engolia e sua forma tornava-se extremamente transitória como nas telas de Seurat. Movimentar para afrontar a inércia seria uma escolha de vida, e concentrada tentava atraí-la por osmose, atingir o que ainda havia de permeável e possível.

Pequenas doses

Os caminhos percorridos trilham uma vista para o precipício, sensação de queda em pleno sonho livre: movimentos que sentimos mesmo quando inertes. E já são tantas saídas que os riscos na pele são cicatrizes de emergência. A cada gesto novo uma memória persiste em cafés passados, outra cena que some no branco Himalaia e deságua aquático no lago Pokhara. O trem ultrapassa paisagens nessa viagem vertigem de quem abre os olhos janelas.

Apenas um sonho

O deus da nossa mediocridade conforta-se ao descascar laranjas. Debruçado na janela observo a vida sintética do quintal – longa distância entre desejo e ter. Inconcebível era um ontem estrada que nos ultrapassou, caminho sombra dos sonhos esquecidos ou abortados filhos. Emergência em emergir. Persistimos em delirar Paris como último indício de saúde mental. Eis que chega o travestido de insano e expõe nossa loucura classe média, o amor por máscaras e vida hipotecada. Felizes como margarina, mas prestes a derreter quando acabar o teatro da vida social.

O passado

Os momentos que você não viu, os momentos que eu não vi. Os olhos do moço que você não quis, a mosca nojenta que você espantou, o sol encoberto, a blusa xadrez que rasgou, aquele que depois de mim foi apenas um ato – dos mais falhos, alegria em receber o inesperado, o celular roubado na Lexington Av., o filme que fez chorar, medo e excitação apaixonados, o novo trabalho, uma tese em construção.

O corpo da minha mãe dentro de um saco plástico, sua avó entubada.

Desespero estranhamente calmo e outros pequenos retratos da vida:

Os irreversíveis.

Scintilla

Hoje, daqui desta janela, lembro da cor dos teus olhos que nunca foram verdes, pura camuflagem, tampouco azuis acizentados como quem neblina mar. Teus olhos, agora lembro, nenhuma paleta de cores imprimiria.

Hoje, daqui desta janela,
reconheço que a cor dos teus olhos era apenas
estar
entregue.

Passagem

Encontro prestes a nascer, pressentia. Só uma tragédia poderia abrigar certeza que, tarde – sempre tarde, nos veríamos. Sob sol triste que sustentava o colapso químico dos diagnósticos inconclusos, meu coração caminhou pelas ruas e cafés de uma amizade morta prematuramente. Espanto refletido. Virou-se para crer também com os olhos abertos, tal sorriso. Pescoço equilibrista na corda bamba do sim. Suas cores mudaram e uma nuvem avermelhada lhe cobriu. Nada a dizer, mas as palavras aconteciam exatamente para nos proteger do silêncio completo, do amor que traçava um limite.

Maré-Mundo

Espraia corpo aquarelado
Vento leva areia
e traz olhares que amanhecem.
Pés solares caminham para o escovar dos dentes,
na boca sente a espuma branca das ondas
O mar está por dentro.

After All

É tarde, literatura espreita incansável, ao menor ruído ela toma nota.

Palavras tortuosas: pisamos na mesma calçada. Guarda-chuva abre verão trinta e dois graus. Sensação dilúvio e suspeita fatídica.

Confirma sensualidade mesmo quando desliza por dentro.

Movimenta.

Permite salgar os olhos descamando lembrança peixe, alongar os dedos que não alcançaram o silêncio. Um cartão postal anônimo junto com o convite minimalista de Frank Stella. Street performers misturam beijo tailandês em Chinatown.

Crianças rosadas.

O livro da moça ilegível é um pocket love febril. Manhattan.

Oh dear, somos vários e vastos. You're not the only one, não esqueça quem lhe abraça enquanto o sol não faz entrar. Dobra quatro vezes, marca por marca. Ainda não consegue ou não quer me rasgar.

After all,

How do you feel?

After all.

Ana

Escrevo porque preciso lembrar da medida exata do esquecimento, para romper a barreira tempo e salvar uma queda janela. Para cessar o ódio de quem perdeu a poesia, porque nunca olhei em teus olhos apesar de vê-los no misto sorriso sacana entre dentes mais línguas. Porque até hoje não sei direito o que é este sangue nas gengivas que fez mistério, o indecifrável em mim. Namorada impossível perdida em Londres com o coração em Paris, tua pasta rosa mergulhada no blues do meu blue. Saudade da menina sentada na pedra aos beijos na Gávea, pedaladas rumo ad infinitum.

For ever Mozart

Pois cedo ou tarde reconhecerá
através da lacuna aberta pelo espanto,
o ponto em que as décadas vividas não conseguem resgatar qualquer aprendizagem anterior. Quando a superposição cínica escapa e nos lança para um admirável despreparo que nada tem a ver com cegueira, tem?

Cego por tanto ver.

Então cairá o Ph.D. que dissertou sobre Diderot, mais de cento e vinte artigos publicados, oito livros, alguns prefácios, editoriais, sete anos em Stanford e quatro em Yale, o homem cru a chorar pelo desmame, o seu: Seio de prima donna.

Sessão de terapia

Fantasia punitiva e outros mal-ditos, inscrições
do corpo espancado.

O que queres quando calas?

Um encontro verdadeiro

Aquele que rejeita para indicar
as válvulas de escape de toda sedução.

O mais íntimo aceita a incompletude

Sofrimentos por trás do rímel,
de repente deixa escorrer uma emoção...

Genuína.

Depois esconde com charme e ainda é véu.

Diz que sei o que entende saber e então não diz.

Difícil sustentar o desejo quando ele se apresenta.

Surge a dúvida de ligar para o 180, enquanto isso
gaze e o coração não.

Está tudo bem, a vida agora será (in)diferente.

Você me quer?

Clama ser resgatada pelo pai que não está
talvez nunca esteve,

e na dúvida ensaia ser mulher para começar
a dança dos amores infantis.

Tropeça em novos roxos

Aranha mortífera.

É longo o percurso de quem procura sem reco-
nhecer achados,

Estamos todos órfãos.

A sala cheia e são várias as possibilidades,
ainda caminha inepta nessa afetividade e repete
escolhas

mas as mãos que batem já são outras e ainda as-
sim as mesmas.

Pede um chá,

entre um gole e outro pulsa.
Hematomas mapeiam seu braço, fugirá?
Inescapável eu, há sempre uma bagagem para
levar.
Violenta genealogia dos coronéis do Sertão,
das raízes extirpadas fez um varal de calcinhas
rasgadas
e só tinha nove anos.
Chora e quer o que ninguém pode dar, não com-
pactuo com mais uma violação.
Não entende, é real.
Agora é pra valer, você vai ver.
Abraça como quem pede contenção.
Um muro ainda, quem sabe uma brecha
Amar se aprende amando, Carlos.
Aprendo com ela
Aprenderá comigo?
Dislexia amorosa – difícil aprendizagem.
Pervertidamente abusada, há outras formas de
abraçar.
Há outras formas de vincular
Há outras fórmulas para retirar as manchas de
sangue,
o sentido e o ressentindo, os rastros encenados
e isso não é um teatro.
Então me conta sobre o sonho labirinto e o chi-
cote na mão do minotauro.
Como Ariadne, seguro novelo e basta.
Chegará ao centro de sua dor?
Confusa ainda,
desconhece ser o próprio Teseu.

Correspondência

Teus conflitos,
Teus olhos pretos
Tua boca vermelha
Teus amantes
A mulher que surge.
É

 e isso não pode ser um escândalo e,
É.

Senti o que vi,
vias de pathos.

O sentimento acontece quando?

Fugitiva como Margaret Garner que matou para
libertar a filha, ato desespero de quem diz:

Nunca serás escrava.

Isso é sobre quando dizimam o ser.

Vou te mandar um carta, essa coisa démodé
escrita à mão,

 de qualquer lugar do mundo, porque somos e
 estamos no todo e fazemos parte.

Courbet pintou um erro,

 A origem do mundo é teus mamilos pretos.

Macaca profana tomando leite em Paris, avante!

Eu também penso em você, muito.

Sem lágrimas, talvez algumas, porque me emo-
ciono através dessa capacidade de fazer mila-
gres com o olhar.

Sofremos com uma memória ancestral sobre
quando esse direito nos foi tirado, assim, como
de nós, os filhos exilados.

Olhas,

Aylan Kurdi não está morto, nem o castelo de areia virou mar.

Olhas,

Margaret afalbetiza a filha,

Olhas,

e os quartéis não mais existem.

Abre

e nenhum clitóris é mutilado na África ou mediano Oriente.

Agora muitas lágrimas, dores máximas.

Antônia perdeu as contas de quantas vezes foi estuprada, o mesmo sangue escorre em Belo Monte.

Percebe como essa coisa resiste?

Vou escrever a despeito da razão, que esse mundo está repleto de merda, tanta merda que faz a gente sentir vergonha do que não devia, tal alegria.

Percebe agora como essa coisa resiste?

Camus, que se espatifou numa árvore, disse que o suicídio era questão filosófica. Vivesse mais ou olhasse o retrovisor, perceberia que sempre foi uma saída dos homens lúcidos, adequada razão da lucidez mortal.

Preta, é o absurdo e a aceitação dele com doses irracionais que faz nascer vontade correio.

Uma carta sempre chegará, isso é uma aposta de risco. Poker e vida, é muito perigoso viver, olha no que deu, Virginia.

Sem dor, uma bala na têmpera e ouço: today is gonna be the day, os meninos cantam Oasis nas ruas de Viena. Olha no que deu, globalização.

Preta, esse mundo é mesmo uma merda! E estou enamorada pelo absurdo de Darcy Ribeiro, caso tivesse metido uma bala na cabeça, ele não teria

escrito que foi doce fracassar, vitórias. Não me daria esperanças.

Mulher, não é que essa carta vai chegar!

Vejo um trabalho com crianças periféricas que vão ser assassinadas antes de ter a chance de explicar que.

Mulher branca, diz que é minha mãe e meu cabelo é lindo. Você me faz ter confiança, diz que é meu pai, homem branco, e que eu posso ser meus sonhos.

Preta, os poemas nunca fracassam em nós, isso não quer morrer, lembra? Vou te mandar uma declaração, um atestado de nascimento, um atestado de vida, **preta**.

Preta, eu que sou preta e tenho pais brancos, sou uma utopia ou a concretude alienígena sobre tudo estar perdido e não estar?

Mana, esse mundo, entre um assassinato e outras intervenções, é lindo. Acho que agora sei o que fazer com os vestígios de alegria.

O começo da paixão foi ler o final de Manuscritos de Felipa, Deus pegando a gente no colo e não doía mais não. Foda-se a metafísica, é a gente que se pega e inventa um colo.

Tua tara, minha voz emocionada.

Minha tara, teus olhos e toda fantasia escópica.

Cidadã do mundo, preciso ir.

No aeroporto o jornal anuncia um pedido de morte assistida, não aconteceu.

Mulheres fantásticas, é Neon.

Resiste, transforma e muda.

Hoje ainda é o dia que a corda não aperta pescoço, por toda humanidade digna que nos antecedeu, descanço do fardo das imposições.

Tornar-se negro, Neusa, assumir sem sumir,

exige luta – coragem.
Cidadã do mundo, com o livro no colo
do útero
na mão.
Estamos até o virar da última página
e além.

cole-sã **escrevivências**:

escura.noite, kati souto
sal a gosto, esteban rodrigues
paragrafia 44, lélia de castro
44 sentimentos, cleudes pessoa
cartas para NegraLua, débora rita
oju oiyn, okan iná, beatriz fernandes aqualtune
água viva, piera schneider
desculpa por ainda escrever poemas de amor, julianna motter
flores em coração cerrado, tati carolli
a saudade é mulher, fernanda fernandes muniz
delírios de (re)xistência, geise gênese
trans | bordô, lara ferreira
in-quietudes, vandia leal
coração no asfalto, márcia cabral
ser y estar en otros matices, rocío bravo shuña
olindeza, maryellen cruz
concha, sabrina leonardi
piroclastos, lázaro
afro latina, formiga
alumbramento marginal, bianca chioma
deve haver haveres para que a gente siga existindo, laila oliveira
EP, preto téo
tinkuy, jade bittencourt
no âmago, enzo iroko
sapa profana, raíssa éris grimm
sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade
decolonial, viviane vergueiro
amar devagarinho..., bruno santana
a piada que vocês não vão contar, kuma frança
guarda-versos: palavras que não pude calar, adriele do carmo
bricolagem travesti, maria léo araruna
notas de um interior circuntante e outros afetos, calila das mercês
cartas para ninguém, diana salu
764 – da barragem pra cá, raquel prosa et. al.
meus versos e inversos, augusto liras

olho de imbondeiro, lohana kárita
cantos de proteção, resistência e dengo: cada pétala é um ser,
babosa maresia e karina das oliveiras
crônicas coyote, márcia marci et. al.
fragmentos_, juliana tolentino
vagamente, daniel brito
uma natureza secreta, luci universo
eclipse, Lídia rodrigues
caos – recortes de um peito negro, victória sales
diversas maneiras de amar, victor alejandro
comer do próprio coração pra viver na própria pele, capitú

cole-sã Odojá:

esboço, tatiana nascimento
{penetra-fresta}, bárbara esmenia
lundu,, tatiana nascimento
interiorana, nívea sabino
tautologias, daisy serena
sangue, nanda fer pimenta
periférica, kika sena
mil994, tatiana nascimento
afroqueer existência: dor luta amor, pedro ivo
tribadismo : mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de
abya yala, bárbara esmenia
maravilha marginal, letícia fialho

cole-sã Odara

percursos estéticos: abordagens originais sobre o teatro do
oprimido, bárbara santos

todos os títulos da cole-sã escrituras
estão disponíveis pra venda (impressos) ou download gratuito (.pdf) no
portal:

www.literatura.lgbt

conheça o site da padê:
www.pade.lgbt